



O CORPO EM IDADE ESCOLAR

Bruno Souza Prestes

1.1 - INTRODUÇÃO

O corpo durante os anos se defrontou com diversas significações até chegarmos aos tempos atuais. Na sociedade grega ele era considerado a integração do físico com o abstrato, ou seja, do corpo no seu sentido material com a essência inerente a cada indivíduo, sendo percebido como uma unidade. A doença era percebida como pertencente ao ser humano, portanto ela estaria inteiramente nele, porém, não manifestada enquanto existia um equilíbrio entre instâncias psíquicas e físicas (SILVA, 2001).

Com a conquista do império grego, novas ideologias foram pregadas gradativamente e uma série de transformações sociais acontece, possibilitando uma nova organização sócio-política e a conseqüente desestruturação da *polis*. Então, o corpo adota um novo significado, que se remete ao físico e desprendido de seus componentes psicológicos, até então valorizado (SILVA, 2001), prevalecendo essa interpretação até os dias atuais.

Um conceito fundamental para entendermos o corpo que se insere na sociedade é o de imagem corporal. Tavares afirma que, imagem corporal é “o quadro formado pelas imagens ou representações mentais do corpo que se apresentam ao indivíduo no contexto de sua vida” (2003, p.131). A partir desse conceito observamos o caráter dinâmico de seu significado, já que a percepção do nosso corpo pode variar de acordo com aspectos emocionais, psicológicos, neurológicos, sociais, entre outros, estabelecendo assim um caráter relacional e direto entre esses agentes. “A imagem corporal vai se desenvolvendo como, um produto da relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros” (CAMPAGNA E SOUZA, 2006, p.11).

Esse contexto, sociocultural é considerado fundamental no processo de formação da auto-imagem, agindo inclusive em favor de uma construção corporal calcada nas diferenças sexuais. Souza e Altmann (1999) afirmam que:

o processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que implica – no processo ensino/aprendizagem de valores – conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos e femininos (p.54).

Considerando as referências supracitadas, sabe-se que ser homem ou ser mulher está ligado diretamente com padrões culturais determinados socialmente e que a partir desse conceito, estereótipos são constantemente construídos e assimilados ao senso comum. Somado a isto, a construção da imagem corporal carrega uma influencia significativa dos aspectos sócio-culturais.



1.2 - OBJETIVOS:

GERAL:

O presente estudo objetiva investigar a percepção corporal entre estudantes, de ambos os sexos, através dos relatos sobre a funcionalidade do próprio corpo.

ESPECIFICOS:

- Interpretar os relatos de sobre a percepção de seu próprio corpo.
- Criar categorias de percepção corporal baseadas nas adjetivações evocadas pelos estudantes.

1.3 – JUSTIFICATIVA:

Este trabalho justifica-se pela valorização da construção da auto-imagem da criança e promoção da compreensão e interpretação de seu próprio corpo em aspectos neurológicos, psicológicos, emocionais e sociais, pois se acredita que o desenvolvimento adequado da imagem corporal, possibilita melhores relações entre corpos e desses corpos com o mundo em que vivem.

Espera se com esse estudo contribuir com os profissionais da área de educação, mais especificamente com professores de educação física em favor de compreender condutas, detectar atitudes/relatos preconceituosas que podem ser disseminadas, naturalizadas e logo se tornarem senso comum.

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – Imagem Corporal: definições e conceitos

Constantemente nos referimos ao nosso corpo como se estivéssemos falando de uma máquina, que tem o simples objetivo de nos servir, negando aspectos cognitivos dos nossos movimentos.

A apresentação do corpo como uma máquina, traduzida em seu funcionamento pelas leis da mecânica newtoniana, é uma idéia clássica de Descartes presente em varias de suas obras [...]. Tal concepção do corpo que independe de qualquer



noção de essência e associado estritamente a sua materialidade predomina durante longo tempo [...]. Assim, sendo o corpo humano uma máquina, mas ‘natural. (SILVA, 2001, p.25)

Os primeiros estudos sobre imagem corporal se deram no início do sec. XVI com um médico Francês chamado Ambroise Paré. Ele descobriu a existência do membro fantasma que se caracteriza “como a alucinação de que um membro ausente estaria presente” (BARROS, 2005, p.549), porem, o termo ‘imagem corporal’ ainda não era utilizado.

Algum tempo depois um neurologista chamado Henry Head que ao “investigar os distúrbios na percepção corporal dos pacientes com lesões corporais” (STREY & PAIM, 2005, p.1) criou o conceito de esquema corporal que se caracterizava pela percepção neurológica do corpo. Esse contexto demarcou uma significação baseada em aspectos biológicos do conceito de imagem corporal. Essa concepção perdurou durante algum tempo.

Outro fator que possivelmente contribuiu com essa interpretação biológica do corpo, foram processos históricos que associam o corpo à materialidade humana, principalmente com a ascensão do império estóico na sociedade grega, que marcadamente dissolveu certas ideologias gregas afim de, sustentar um novo modelo político-econômico (SILVA, 2001).

Contudo, o estudioso que teve maior importância para fundamentar conhecimentos sobre imagem corporal foi Paul Schilder. Seu estudo foi responsável por uma abordagem mais integralizada de imagem corporal, levando em consideração outros fatores além do neurológico, contrariando os conhecimentos da época que orientavam um entender biológico sobre o corpo. Sua contribuição foi inovadora e representou um marco nos estudos de corporeidade, introduzindo variáveis que, até então, eram inexistentes na concepção analítica do corpo, como aspectos emocionais, psicológicos, sociais (TAVARES, 2003).

Com esse entendimento, observa-se um retorno aos ideais gregos, que interpretavam o corpo de forma sistêmica de representação do indivíduo, corpo esse que apresentava uma essencialidade (SILVA, 2001). Essa essência, hoje, é reinterpretada como uma excitação interna, ou seja, uma pulsão que é singular e individual. Como confirma Tavares (2003), “a imagem corporal possui um eixo pulsional que sustenta de modo existencial a individualidade” (p.16). As pessoas são diferentes umas das outras, pois tem comportamentos diferentes, que são derivados de uma pulsão, ou seja, uma energia interna que caracteriza movimentos e atitudes singulares, tornando cada pessoa única.

O meio ambiente e a cultura são aspectos que também se relacionam diretamente com a interpretação do nosso corpo, ou seja, dependendo de como as relações sociais se entrelaçam, podemos ter uma concepção corporal de valorização ou depreciação. Como confirma Aguiar (2004), “O homem já nasce num mundo dado, logo seu processo de ‘vir a ser’ não acontece num mundo virgem” (p.20).



A partir dessa afirmação podemos notar que existe uma manutenção periódica da nossa percepção corporal, tendo em vista que, a relação do indivíduo com o ambiente é frequentemente modificada. Isso ocorre já que somos regidos por um conjunto de normas criado por artefatos sociais que automaticamente definem padrões corporais socialmente aceitos, como confirma Matos e Lopes (2008):

A importância desses artefatos está na sua função de ‘conformar’ os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais. Assim, esses artefatos contêm pedagogias culturais, pois são formas de ensinar através das quais significados sociais são construídos e reproduzidos (p. 61).

Constantemente, notamos que, indivíduos que não se enquadram nessas normas de conduta são tratados com preconceito e violência, fazendo valer assim, a pedagogia da exclusão, visto que os artefatos sociais referidos passam para as pessoas ensinamentos que logo são inconscientemente incorporados.

Um dos fatores que influenciam positivamente nesse fato social é o sistema econômico vigente na maioria dos países: o capitalismo. Essa organização econômica tem incorporada, em sua essência, diversas ideologias que tornam possível uma interpretação corporal superficial e inadequada, assim como as relações de poder estabelecidas cotidianamente determinam, que padrões estéticos devem ser seguidos. Percebemos que estímulos sociais são lançados constantemente, fazendo com que as pessoas busquem cada vez mais a perfeição de seus corpos independentemente de sua saúde, ou seja, “[...] as necessidades de ordem social ofuscam as necessidades individuais” (RUSSO, 2005, p. 81), fazendo com que o corpo, do ponto de vista pulsional, tenha um papel secundário em nossas ações e priorizando o cumprimento de ordens sociais. (TAVARES, 2003)

Podemos dizer que boa parte desses estímulos nasce a partir de determinações dos meios de comunicação, que criam desejos individuais nas pessoas fazendo com que elas sejam escravas de sua aparência, estimulando assim o consumo.

A indústria corporal através dos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens, padronizando corpos. Corpos que se vêm fora de medidas, sentem-se cobrados e insatisfeitos. O reforço dado pela mídia em mostrar corpos atraentes, faz com que uma parte de nossa sociedade se lance na busca de uma aparência física idealizada. Podemos associar hoje, o corpo à idéia de consumo (RUSSO, 2005, p.81).

Essa passagem nos remete à domesticação corporal pelas ferramentas sociais, no qual corpos são cobrados e treinados na busca pelo belo, pela perfeição de curvas e músculos cada vez mais enrijecidos, valorizando um consumo cada vez mais exacerbado.

“Para manter ou transformar este corpo, o indivíduo vê-se frente a infinitos apelos, como cremes, massagens, choques, bandagens, fornos, plásticas, puxando aqui, tirando ali, modificando,



moldando, modelando o corpo por um cirurgião ou outro profissional de beleza” (*Ibidem*, 2005, p. 82).

Sendo assim, pode-se inferir que o corpo, como uma representação simbólica do indivíduo, é considerado uma ‘propriedade social’, já que a sociedade é quem determina se suas condutas são apropriadas ou não, de um ponto de vista da moral e dos bons costumes e, no caso da presente pesquisa, da estética.

3 – METODOLOGIA

3.1 – MODELO DE ESTUDO

A presente pesquisa foi realizada através de um estudo qualitativo, que se utilizou de um procedimento de levantamento de dados através de relatos feitos por alunos de uma escola pública do município do Rio de Janeiro.

3.2 – AMOSTRA

Foram analisados os relatos de 54 crianças de ambos os sexos; do Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC), localizado em Seropédica, estado do Rio de Janeiro-RJ. Tais crianças, são alunos do quarto e do quinto ano, do primeiro segmento do ensino fundamental, com faixa etária entre 8 e 14 anos.

3.3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, foi apresentada uma carta de consentimento livre e esclarecido à direção da instituição, e em seguida aos responsáveis das crianças envolvidas no referido estudo, de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. De posse dos referidos termos com as autorizações, o instrumento da pesquisa foi aplicado. Num terceiro procedimento, foi aplicado um instrumento que consiste em um questionamento, elaborado pelo próprio autor que deveria ser respondido juntamente com os dados pessoais (nome, idade, ano escolar). Tal questionamento era a seguinte pergunta: “Para que serve seu corpo?”. Contudo, as crianças foram orientadas a responder a pergunta da forma que achassem melhor, sem que nenhum tipo de ajuda fosse dada a elas, para que nenhum tipo de interferência pudesse influenciar nas respostas apresentadas.

Esse instrumento permitiu a análise proposta pela pesquisa e as informações contidas nas fichas serão analisadas através de análise de conteúdo segundo FRANCO (2003).

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS



Considerando a subjetividade da questão os alunos questionaram de que forma poderiam ou deveriam responder. Os resultados indicam a possibilidade de influências das variáveis sociais na construção de uma auto-imagem, sendo estas, calcadas em conceitos estético-midiáticos e de utilidade corporal. Tais dados fornecem elementos no qual, partimos de um princípio em que, grande parte das crianças pertencentes à amostra são estimuladas externamente à interpretar seu corpo de forma limitada, negando seu caráter pulsional, e fazendo com que o corpo, seja, freqüentemente, um mero coadjuvante na vida dessas crianças. Importa considerar a necessidade de continuidade e aprofundamento desse estudo para melhor entendimento dessas adjetivações apresentadas pelo grupo investigado e melhor contribuir para o atendimento e desenvolvimento da construção da identidade dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Heloísa. (2004). **Desenho livre infantil: leituras fenomenológicas**. Rio de Janeiro, RJ: E-papers.
- BARROS, Daniela Dias. (2005). Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **Revista história, Ciências, Saúde**. 12. 547-54.
- CAMPAGNA, Viviane Namur; SOUZA, Audrey Setton Lopes de. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Boletim de psicologia**. V.LVI, n.124, 2006.
- MATOS, Auxiliadora Aparecida; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP para a mulher. **Estudos feministas**. Florianópolis, 2008.
- PEREIRA, Sissi, A. M. **O sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras**. Dissertação (Doutorado em educação física), universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004
- RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, 2005.
- SILVA, Ana Márcia. A natureza da *physis* humana. in: SOARES, Carmem Lúcia. (org). **Corpo e História**. São Paulo: Autores associados, 2001.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. **Caderno Cedes**. Ano XIX, n.48, 1999.
- STREY, Marlene Neves; PAIM, Maria Cristina Chimelo. Percepção do corpo da mulher que joga futebol. **Lecturas: EF y deportes (revista digital)**. Ano 10, n.84. Buenos Aires, 2005.
- TAVARES, Maria da Consolação G. C. F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Barueri, SP: Manole, 2003.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

TAVARES, MCGCF. (2007). **O dinamismo da imagem corporal**. Campinas, SP: Editora Phorte.